

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

MÁRCIA APARECIDA SANTOS

**AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS DOS
PROFISSIONAIS DA EJA**

Porto Alegre
2010

MÁRCIA APARECIDA SANTOS

**AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS DOS
PROFISSIONAIS DA EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientadora:
Profª Drª Gláucia R. R. de Souza

Tutora:
Letícia Schmarczek Figueiredo

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Vandir e Thereza por terem priorizado os estudos e indicado o caminho a seguir.

Aos meus irmãos, que de uma forma ou de outra contribuíram para minha formação.

A todas as pessoas que amo, que fazem parte da minha vida e acreditaram no meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter me dado saúde e fé para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais, por sempre terem me incentivado e contribuído para minha formação.

À minha amada filha Anna Cláudia, por ter me apoiado e compreendido minha ausência durante os anos de formação na academia.

Aos meus irmãos, pelo empenho e dedicação dedicados a mim.

Aos entes queridos que já partiram deste mundo e que, certamente, estarão orgulhosos da minha trajetória.

Em especial, à colega Zilma, que compartilhou comigo a maior parte do curso.

Às Tutoras e coordenadora do Pólo de Educação à Distância de São Leopoldo, meu muito obrigado.

Aos amigos e colegas de trabalho que me apoiaram.

À Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Edila Schmidt, por ter oportunizado meu estágio.

Aos meus queridos alunos da EJA, que contribuíram para meu estágio acontecer.

À professora Gláucia, que me orientou e indicou os caminhos a serem seguidos.

E a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para minha formação.

[...] Eu diria aos educadores e educadoras, ai daqueles e daquelas, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar [...].

Paulo Freire

RESUMO

Esta monografia, intitulada AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS DOS PROFISSIONAIS NA EJA, objetiva contribuir para a investigação das práticas pedagógicas utilizadas no ensino da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Para isso, foram apresentados relatos do diário de classe, a fim de contextualizar o tema mencionado e de verificar sua adequação ao contexto dos alunos. Fez parte desta pesquisa uma escola da Rede Municipal de Ensino – RME – de São Leopoldo. Os estudos passaram pela história da EJA e a contribuição de Paulo Freire na educação popular. A partir da prática de estágio, foi possível desenvolver atividades de aquisição da escrita e da leitura, através de diferentes gêneros literários, possibilitando experiências inovadoras que almejam a uma nova qualidade em EJA, tendo como ponto fundamental o respeito à cultura dos sujeitos. Portanto, esse estudo contribuirá para um repensar do educador que atua nas classes da EJA, fazendo-o refletir sobre sua prática pedagógica, para que ajude na formação de cidadãos conscientes do seu papel na sociedade.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Sujeitos. Respeito às Culturas. Adultos. EJA.

LISTA DE SIGLAS

E.M.E.F. – Escola Municipal de Ensino Fundamental

EAD – Educação à Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sala da aula – Aluno no momento de leitura em sala de aula.....	19
Figura 2 – Biblioteca da Escola – Alunas envolvidas com a leitura.....	22
Figura 3 – Alunos do grupo de Alfabetização trabalhando com palavras geradoras.....	23
Figura 4 – Trabalho de um aluno com diferentes portadores de texto (charge).....	24
Figura 5 – Alunos, em sala de aula, com jornais pesquisando e lendo assuntos do seu interesse.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	12
2.1 Paulo Freire e a sua Contribuição na Minha Prática.....	15
2.2 Métodos e Práticas na Educação de Jovens e Adultos.....	16
2.3 A Leitura como Prática Indispensável na Educação de Jovens e Adultos.....	21
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Chegamos à etapa mais complexa da nossa graduação. Momento em que vamos sistematizar e evidenciar os conhecimentos adquiridos ao longo do nosso curso. Muitas disciplinas fizeram parte da nossa caminhada, assim como as dúvidas permearam nosso saber. Professores com diferentes posições teórico-metodológicas contribuíram para o exercício da minha prática nos diferentes níveis da Educação.

As experiências adquiridas ao longo dos semestres, e principalmente durante a prática de estágio, foram determinantes para materializar as noções de ensinar e aprender e definir o tema a ser abordado até o final desta trajetória: A Educação de Jovens e Adultos.

O interesse pelo tema em questão surgiu a partir da prática de estágio, realizada na EJA etapas I e II (alfabetização e pós alfabetização), em uma escola do Município de São Leopoldo, e do contato com a disciplina Educação de Jovens e Adultos, do curso de Pedagogia, na modalidade Educação à distância – EAD – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – que trata especificamente dessa temática. Ao longo desta pesquisa, pretende-se analisar e conhecer a contribuição do docente da EJA no processo de formação do aluno leitor.

Durante a minha prática de estágio, algumas inquietações surgiram em relação à metodologia e à prática pedagógica utilizada pelos professores na modalidade EJA.

O processo de alfabetização das turmas da EJA está ancorado nas práticas indispensáveis de leitura e escrita, que também são desenvolvidas nas séries iniciais do ensino fundamental.

Atendendo a esse princípio, as propostas metodológicas da EJA devem ser diferenciadas das séries iniciais do Ensino Fundamental, considerando que os jovens e adultos têm uma realidade cultural e um nível de subjetividade bastante diferente em relação às crianças, sendo necessária, então, a adequação das metodologias empregadas nessa modalidade de ensino.

A principal problemática abordada será a compreensão da seguinte questão: Há possibilidade de transitar por diferentes gêneros literários na EJA?

Neste projeto de pesquisa, serão usados autores como Freire (1976; 1979; 1998; 1999; 2005), Paiva (1998), Gadotti (2005), Sant'Anna (1998), entre outros, possibilitando, assim, um conhecimento teórico que servirá como alicerce para a fundamentação de conceitos que envolvam a prática educativa de jovens e adultos.

A pesquisa, também, busca um repensar do educador da EJA, uma vez que ele é responsável por ajudar o educando a compreender a complexidade das questões políticas e sociais, bem como fazê-lo superar atitudes de passividade e ingenuidade diante do sistema.

Os capítulos da pesquisa foram divididos de forma a relacionar o que se tem sobre a temática, para dar sentido à escolha do tema, além de ter um alcance do que existe em termos de políticas públicas e na prática da sala de aula.

Início os capítulos da pesquisa trazendo um histórico da EJA, partindo do ponto onde tudo começou. Abordarei também um dos principais expoentes nessa modalidade educacional, que foi Paulo Freire e como se deu esta caminhada e as repercussões para as políticas públicas para jovens e adultos.

Após, abordarei Métodos e Práticas na EJA, conforme minha experiência de estágio nas Etapas I e II desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Edila da Silva Schmidt, no Município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Logo em seguida, no mesmo capítulo, falarei da leitura como prática indispensável na Educação de Jovens e Adultos.

Finalizando a pesquisa, apresento as conclusões, nas quais procuro refletir sobre se as inquietações iniciais foram respondidas.

2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Antes de tratar especificamente sobre a EJA, é necessário fazer uma viagem no tempo, percorrendo sobre a política educacional no Brasil, partindo do ponto onde tudo começou, como forma de entender o grande contingente de pessoas, que ainda, continuam excluídas do nosso processo educacional.

A Educação de Adultos no Brasil tem início com a vinda dos Jesuítas, relegando aos índios brasileiros uma prática evangelizadora, no período Brasil Colônia.

No período de 1876 – Brasil Império – aparecem as primeiras preocupações com as questões da escolarização dos adultos, visto que a Lei Saraiva¹ proibia o voto do analfabeto. Mas, os dados alarmantes do censo de 1890 também chamavam a atenção para a questão da escolarização no Brasil, conforme expõe Paiva:

[...] existência de 85,21% de iletrados na população total do país, e em 1900, encontrou 75,78% para os 20 Estados, entre os maiores de cinco anos. [...]. Esses índices eram motivo de vergonha para a intelectualidade brasileira do início do século; era preciso colocar o Brasil entre os 'países cultos', elevando o nível cultural da nação'. A situação do ensino primário estaria em 'desarmonia com o lugar que este país ocupa entre os povos cultos' e o ensino seria o único 'meio de vitalizar este povo'. (PAIVA, 1987 p. 85).

Com a divulgação desses dados, inicia-se um debate sobre esse assunto, porém o Estado privilegiou por descentralizar as questões voltadas à educação do ensino primário. Somente em 1920 que vão surgir os primeiros trabalhos que revelam mobilizações em torno desse problema educacional.

A partir da 2ª Guerra Mundial, a Educação de Adultos ficou a cargo do Estado, diferente da Educação não formal, que estava vinculada a organizações não-governamentais. Até a 2ª Guerra Mundial, a Educação Popular era concebida

¹ Decreto nº 3.029, de 9 de janeiro de 1881, que teve como redator final o Deputado Geral Rui Barbosa, também ficou conhecido como "Lei Saraiva". Deveu-se tal denominação à homenagem feita ao José Antônio Saraiva, Ministro do Império, que foi o responsável pela primeira reforma eleitoral do país. Fonte: Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Saraiva > Acesso em: 06 nov. 2010.

como extensão da Educação formal para todos, sobretudo para os menos privilegiados que habitavam as áreas das zonas urbanas e rurais.

Após a I Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada na Dinamarca, em 1949, a Educação de Adultos tomou outro rumo, sendo concebida como uma espécie de Educação Moral. Dessa forma, a escola, não conseguindo superar todos os traumas causados pela guerra, buscou fazer um "paralelo" fora dela, tendo como finalidade principal contribuir para o resgate do respeito aos direitos humanos e para a construção da paz duradoura.

A partir da II Conferência Internacional de Educação de Adultos em Montreal, no ano de 1963, a Educação de Adultos passou a ser vista sob dois enfoques distintos: como uma continuação da educação formal, permanente e como uma educação de base, ou comunitária.

Depois da III Conferência Internacional de Educação de Adultos, em Tóquio, no ano de 1972, a Educação de Adultos volta a ser entendida como suplência da Educação Fundamental, reintroduzindo jovens e adultos, principalmente analfabetos, no sistema formal de educação.

A IV Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada em Paris, em 1985, caracterizou-se pela pluralidade de conceitos, surgindo o conceito de Educação de Adultos.

Em 1990, com a realização da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizado em Jomtien, na Tailândia, entendeu-se a alfabetização de Jovens e Adultos como a 1ª etapa da Educação Básica, consagrando a idéia de que a alfabetização não pode ser separada da pós-alfabetização.

Segundo Freire (apud GADOTTI, 1979, p. 72), nos anos 40 a Educação de Adultos era entendida como uma extensão da escola formal, principalmente para a zona rural. Já na década de 50, a Educação de Adultos era entendida como uma educação de base, com desenvolvimento comunitário. Com isso, surgem, no final dos anos 50, duas tendências significativas na Educação de Adultos: a Educação de Adultos entendida como uma educação libertadora (conscientizadora), defendida por Paulo Freire e a Educação de Adultos entendida como educação funcional (profissional).

Na década de 70, essas duas correntes continuaram a ser entendidas como Educação não-formal e como suplência da mesma. Com isso, desenvolve-se, no Brasil, a tão conhecida corrente: o sistema MOBRAL – Movimento Brasileiro de

Alfabetização, propondo objetivos político-sociais controlados pelo governo militar opostos aos de Paulo Freire.

A experiência do MOBRAL vigorou no Brasil por quase vinte anos, sendo extinto em 1985 e o Ensino Supletivo, a partir da Lei nº 9394/96, de Diretrizes e Bases da Educação nacional – LDBEN – é substituído pela Educação de Jovens e Adultos, permanecendo, apenas, no caso dos exames.

A LDBEN 9394/96 muda o cenário nacional no que tange à EJA, no instante em que, atendendo ao que propõe a Constituição de 1988, a "coloca/insere" enquanto Modalidade de Ensino da Educação Básica Regular, impulsionando, nesse momento, uma modificação no como concebeu a EJA, que há muito vem sendo reconhecida, de forma ampla, por Campanhas Nacionais e/ou experiências institucionalizadas, no campo do ensino supletivo. Em geral, por práticas pedagógicas diretivas, algumas apoiadas no autodidatismo.

No decorrer da história, percebem-se significativos avanços na EJA. Vimos que toda a história das ideias em torno da EJA, no Brasil, acompanha a história dos modelos políticos e econômicos e, conseqüentemente, a história de relações de poder, dos grupos que estão no exercício deste poder.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9394/96, que promulgou a primeira referência sobre a EJA, trouxe ganhos significativos para a educação de jovens e adultos no Brasil.

No que diz respeito à formação do professor a LDBEN apresenta uma proposta. Essa proposta de trabalho pude perceber na Escola na qual realizei meu estágio. Professores se organizavam, semanalmente, para reuniões de planejamento e formação, nas quais a alfabetização era sinônimo de reflexão, argumentação, criticidade e politização. Porém, nesse mesmo percurso, encontrei professores que apenas trabalhavam para aumentar a carga horária, com ideias equivocadas sobre essa modalidade de ensino, a partir de metodologias tradicionais e inadequadas, que não despertavam interesse do educando, sendo essas ações um convite a evasão escolar.

Freire (apud GADOTTI, 1979, p. 72) nos diz que apesar de todos os esforços, a UNESCO nos mostra, através de dados, que “o número de analfabetos no mundo tem aumentado e o Brasil engrossa cada vez mais essas estatísticas”. Esse fracasso, de acordo com Freire (apud GADOTTI, 1979, p. 72), pode ser

explicado por vários problemas, tais como: “a concepção pedagógica e os problemas metodológicos, entre outros”.

2.1 Paulo Freire e a sua Contribuição na Minha Prática

Durante a realização da minha prática de estágio, grande foi a contribuição da Epistemologia de Paulo Freire no meu fazer pedagógico. Procurei levar ao meu aluno uma consciência crítica, defendida por Paulo Freire, da sua situação e da situação do mundo, através dos diferentes gêneros literários, tendo como compromisso principal a libertação, do educando, da ideologia dominante e da situação de oprimido.

Tendo assumido o compromisso com processo de libertação dos educandos, meus planejamentos estavam voltados para leitura de mundo, desfazendo assim uma consciência ingênua dos fatos, promovendo a aquisição de uma real cidadania, da autonomia, da libertação.

Paulo Freire traz, na sua história, as dificuldades que enfrentou – o exílio foi uma delas – e sua opção pelos oprimidos, pelos que enfrentam dificuldades. Trabalhar com EJA, para mim, é promover um processo de reflexão sobre a situação de vida de cada um e promover a reflexão, em conjunto, sobre a importância que cada um assume dentro da sociedade, mostrando que também é capaz de promover cultura e a sua dignidade dentro do contexto social que ocupa.

As concepções de Paulo Freire aparecem nesse Trabalho de Conclusão de Curso no momento em que faço um relato de experiência, tendo como base a prática realizada durante meu estágio. Dessa forma, procuro estabelecer uma análise do que esse educador pregava: uma educação libertadora, uma prática dialógica, um exercício constante da cidadania.

Os pressupostos dos pensamentos de Paulo Freire perpassam este trabalho não como uma alternativa didático-metodológica, mas, sim, para deixar claro que educar significa libertar-se da marginalidade, da condição de oprimido dentro da sociedade. No entanto, para o indivíduo libertar-se, o educador não pode apenas reduzir o seu ato em depositar idéias de um sujeito no outro. Isto seria, apenas, transmitir ideias da ideologia dominante.

Ana Maria Araújo Freire, esposa de Paulo Freire, no livro Paulo Freire: Uma Biobibliografia (apud GADOTTI, 1996, p. 35) nos coloca muito bem a importância que o ato da leitura assume na vida do sujeito:

Quando homem e mulher se percebem como fazedores de cultura, está vencido, ou quase vencido o primeiro passo para sentirem a importância, a necessidade e a possibilidade de se apropriarem da leitura e da escrita. Estão alfabetizando-se, politicamente falando. (FREIRE apud GADOTTI, 1996, 35).

Paulo Freire (apud MAFRA, 2005) acreditava que a Educação só cumpriria a sua função fundamental, a humanização de mulheres e homens, caso se transformasse em ferramenta de mudança social. Tinha consciência de que ela não pode fazer a transformação social, em termos estruturais. Afirmava, porém, que nenhuma mudança profunda na sociedade aconteceria sem a Educação. Por sua natureza, esse espaço privilegiado da cultura não deve esperar os desdobramentos econômicos e políticos para mudar. Para Freire (apud, MAFRA, 2005, [s.p.]), a Educação, sozinha, não revoluciona a sociedade, mas ela pode transformar pessoas para se engajarem nessa tarefa. Educar, na linguagem freiriana, é o duplo movimento da existência humana de "ler e transformar o mundo".

2.2 Métodos e Práticas na Educação de Jovens e Adultos

Durante a minha prática de estágio, pude perceber as diferentes metodologias utilizadas pelos profissionais da EJA. Alguns, como já citei, mediadores da aprendizagem, e outros, pelo contrário, não estão preparados para este campo específico de atuação. Em geral, são professores leigos, ou pertencentes ao próprio corpo docente do ensino regular, utilizando métodos inadequados para a Educação de Jovens e Adultos. Sobre isso, Hara diz: “[...] os professores, a grande maioria são leigos, são obrigados a aceitar o desafio de escolarizar adultos sem o mínimo preparo necessário ao bom desempenho”. (1988, p. 9).

São elementos fundamentais tanto a profissionalização quanto a formação adequada dos professores de jovens e adultos, caso contrário, não se obterá ensino de qualidade.

O papel do educador é mediar a aprendizagem, priorizando, nesse processo, a bagagem de conhecimentos trazida por seus alunos, ajudando-os a transpor esse conhecimento para o “conhecimento letrado”.

Com base nos ensinamentos adquiridos na interdisciplina Educação de Jovens e Adultos/ Eixo VII² – 2009/02, e nas leituras de Paulo Freire, busquei, na minha prática, uma metodologia voltada para o diálogo entre o educador e o educando. Nessa perspectiva, o professor se torna um mediador da aprendizagem.

Sendo assim, destaco algumas atividades a partir das quais procurei proporcionar, aos educandos, momentos de reflexão do seu contexto para que pudessem se tornar indivíduos críticos e participativos diante da sociedade. Sobre isso, Freire expõe que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1999, p. 11).

Uma das atividades realizadas consistiu em aproveitar os encartes dos jornais. Propus aos alunos que fizessem uma pesquisa de preços de produtos da cesta básica e expliquei que, com esse trabalho, eu poderia analisar o que cada um sabe sobre estratégias de cálculo. Pedi que listassem seis itens que fizessem parte da cesta básica. Distribui uma tabela para colocarem o nome do produto e o valor do produto também.

Depois, solicitei que circulassem com uma caneta o menor preço de cada item. Pedi que, em dupla, calculassem, aproximadamente, o total de gasto de cada supermercado, se as compras descritas fossem realizadas. Expliquei que não era necessário, nesse momento, registrar o cálculo. Porém, percebi que todos usaram a estratégia escrita para achar o resultado. Somente aqueles com mais dificuldades somaram apenas dois ou três itens. Questionei como fizeram para encontrar o total de gasto, mas todos falavam todos ao mesmo tempo. Então, convidei alguém para

² Refere-se a uma interdisciplina do curso de Pedagogia à Distância/UFRGS.

vir até o quadro. Logo levantou o aluno Edmar para explicar sua estratégia, que foi colocar um número abaixo do outro e somar. Percebi que essa estratégia é muito importante para eles e é dado como o mais certo e verdadeiro. Na sequência desse trabalho, lancei cálculos de adição e subtração com números decimais, uma vez que os mesmos aparecem em várias situações do cotidiano. Os alunos ficaram empolgados com a atividade.

A atividade mostra que, partindo dos princípios de Paulo Freire, é possível pensar num currículo com conteúdos selecionados a partir da realidade, a qual leva em conta a visão de mundo, permitindo a construção de conhecimentos que refletem as necessidades e conflitos vivenciados nessa realidade concreta.

Simplesmente, não podemos chegar aos operários, urbanos ou camponeses, estes, de modo geral, imersos num contexto colonial quase umbicalmente ligados ao mundo da natureza de que se sentem mais partes que transformadores, para, à maneira da educação “bancária”, entregar-lhes “conhecimento” ou impor-lhes um modelo de bom homem contido no programa cujo conteúdo nós mesmos organizamos. (FREIRE, 2005, p. 96).

Na quarta semana de estágio, já posso dizer que estamos criando vínculos de amizade, pois percebo os rostos alegres quando chego à escola. Nosso momento da leitura, também, está evoluindo. Não preciso convidá-los para retiraremos os diversos tipos de textos, já o fazem com satisfação e até ficam com eles mesmos quando o espaço, para leitura, já tenha terminado. Percebo isso no aluno Haroldo, de 55 anos, trabalhador da construção civil, que, mesmo que eu peça para concluirmos a leitura, prossegue, como podemos ver na figura 1.



Figura 1 – Sala da aula – Aluno no momento de leitura em sala de aula.

Outros, porém, não encontraram valor na leitura. Segundo Paulo Freire (1998), esses alunos precisam ser conscientizados da sua condição de vida e de trabalho na sociedade em que estão inseridos, pois esse ato é um dos meios pelos quais lhes será possibilitada a participação na luta pela melhoria de vida. Sabemos, ainda, que outros fatores são responsáveis pela rejeição que alguns alunos da EJA enfrentam ao estudo de texto, como por exemplo: cansaço físico, alimentação inadequada e falta de acesso à leitura.

Procuro, algumas vezes, deixar os alunos livres, sem cobranças em relação à leitura que realizaram, para que encontrem seus caminhos e o prazer de ler. O momento da leitura da segunda-feira foi regado a bolachas doces, o que teve uma recepção muito boa pelos alunos, pois alguns deles vêm direto do trabalho para escola.

Outra forma de trabalho foi estudar as suas próprias histórias de vida, os alunos se sentem valorizados e têm a possibilidade de desenvolver noções necessárias para a formação do pensamento histórico quando localizam fatos significativos e refletem sobre o tempo de sua própria vida. Ao montar suas próprias histórias, buscando diferentes fontes (depoimentos de pessoas da família, certidão

de nascimento, carteira de vacinação, certidão de batismo, fotografias e objetos pessoais), os alunos recuperam uma história que está preservada em documentos escritos, e/ou visuais, e/ou orais relacionados ao grupo social ao qual pertencem. A partir daí, começam-se a estabelecer nexos entre a história individual e a coletiva. Dessa maneira, os alunos tomarão contato com a ideia de que a sua identidade faz parte da história do grupo: como indivíduos, constituem esse grupo social e são constituídos por ele. E, ao relacionar a história de vida com os fatos públicos marcantes (acontecimentos políticos, artísticos, econômicos, etc.), eles compreenderão que a história individual está inserida em um contexto mais amplo.

Na noite do dia 5 de maio, minha proposta era de assistirmos ao filme *Central do Brasil*³, na sala de vídeo com muita pipoca, é claro! Subimos para sala com filme e pipoca. Os alunos, ao chegarem, logo se organizaram. Colocaram as cadeiras em frente à TV, as pipocas no centro e pediram que eu apagasse as luzes. Antes de começarmos, falei que se tratava de um filme brasileiro. Alguns já haviam assistido, mas não lembravam. Disse, também, que o filme retratava muito bem a realidade brasileira. Percebi que o filme prendeu a atenção dos alunos, emocionou e mobilizou perante as situações críticas pelas quais passam milhares de pessoas neste Brasil, entre elas o analfabetismo

A minha prática de estágio foi para mim, sem dúvidas, um momento muito importante para repensar os conhecimentos adquiridos ao longo dos semestres do curso. Assim como levar aos alunos uma prática significativa construída em cima de idéias de diálogo entre educador e educando, onde eles, também, pudessem agir e pensar sobre a realidade em que estão inseridos.

Sobre a prática de estágio, ficam algumas certezas. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador, às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego, e que está submetido a circunstâncias de mobilidade no serviço, alternância de turnos, de trabalho, cansaço etc. Deve-se levar em conta a diversidade cultural desses grupos. Essa população chega à escola com um saber próprio, elaborado a partir de suas relações sociais e dos seus mecanismos de sobrevivência. O contexto do aluno trabalhador deve ser ponte entre o seu saber e o

³ **Central do Brasil** é um filme franco-brasileiro de 1998. O roteiro de Marcos Bernstein e João Emanuel Carneiro, baseado em história do diretor Walter Salles. Fonte: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Central_do_Brasil> Acesso em: 06 nov. 2010.

que a escola pode proporcionar, evitando, assim, o desinteresse, os conflitos e a expectativa de fracasso que acabam proporcionando um alto índice de evasão.

As experiências que visam uma nova qualidade em educação de jovens e adultos devem orientar-se na perspectiva que torna o jovem e o adulto como construtores de conhecimentos, interagindo com a natureza e o mundo social, tendo como ponto fundamental o respeito à cultura dos sujeitos.

2.3 A Leitura como Prática Indispensável na Educação de Jovens e Adultos

Este capítulo pretende tratar da presença da atividade da leitura, na modalidade do ensino da EJA, no grupo em que desenvolvi minha prática de estágio.

Inicialmente, as atividades propostas no meu estágio não estavam voltadas totalmente para a leitura. O que me fez repensar essa prática foi a curiosidade dos educandos pelos livros e jornais trazidos por mim todos os dias.

Gostaria de deixar claro o que disse acima. O foco inicial do meu trabalho, no estágio, não estava voltado para as questões da leitura, mas tenho clara a importância desse ato da na vida de qualquer pessoa. O que quero dizer é da dificuldade de encontrar literatura adequada para essa modalidade de ensino e um pré-conceito que, particularmente, formei que talvez a leitura não fosse algo prazeroso devido as circunstâncias que esses alunos chegam à sala de aula, cansados.

O ato de ler é um processo de resignificação do texto e, como Paulo Freire (1999) expressa em A importância do ato de ler, algo que começa antes do texto, e vai além dele.

Procurei desenvolver, durante a prática de estágio, atividades de leitura livre de diversos gêneros literários, sem cobranças de provas, de produção de escrita, interpretação ou até mesmo controle de presença. Tais cuidados, a meu ver, garantiram a superação da distância entre os livros e o leitor.

Durante as leituras, ora em sala, ora na biblioteca da escola (figura 2), alguns davam sinais de envolvimento com a literatura e outros manifestavam gostarem da leitura nos encontros, mas não agiam com autonomia de leitores.



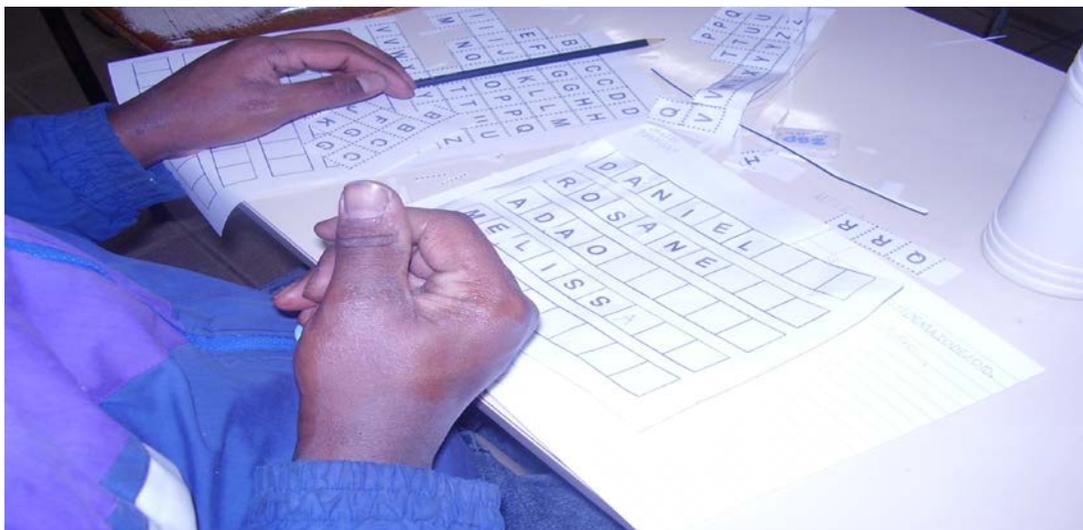
Figura 2 – Biblioteca da Escola – Alunas envolvidas com a leitura.

Percebi a importância de propiciar experiências com jornais, revistas e livros diversos, para despertar o aspecto do aprendizado dos Adultos e não ridicularizá-los com materiais que acabam infantilizando-os, pois muitos possuem uma autoestima muito baixa. Portanto, o trabalho com textos que contribuam para o aumento da autoestima são essenciais.

Outra prática que sempre esteve presente em meu trabalho foram os momentos da oralidade, quando procurei ouvir as histórias lidas pelos educandos em livros, reportagens dos jornais, ou até mesmo os relatos de experiências trazidos por eles. Por isso se evidencia que é imprescindível vincular o conhecimento à prática social mais ampla. Para isso, é preciso ter uma visão emancipadora da alfabetização conforme nos coloca Freire:

[...] como um dos veículos mais importantes, pelos quais o povo 'oprimido' é capaz de participar da transformação sócio-histórica de sua sociedade. Dessa perspectiva, os programas de alfabetização não devem estar ligados apenas à aprendizagem mecânica de habilidade de leitura [...]. (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 105).

Para o grupo da alfabetização propus, ao contrário da professora titular, palavras geradoras, a partir das quais desenvolvia discussões e desmembramento da palavra em sílabas onde os alunos tinham a possibilidade de criar novas palavras, escolhidas do seu próprio meio cultural (figura 3).



farinha
 polenta
 marra
 feijão
 biscoito
 azeite
 Açúcar

sabonete
 bombom
 papel higiênico
 FBOA
 confort

Figura 3 – Alunos do grupo de Alfabetização trabalhando com palavras geradoras.

Pensando assim, educador e educando buscam, juntos, conhecer algo, evidenciado numa relação em que ambos ensinam e aprendem juntos, através do diálogo e da colaboração. Nesses momentos, procurei embasar-me na rica teoria de Paulo Freire – educação libertadora e problematizadora – na qual aprender não é o ato de depositar e de transmitir conhecimentos, como na educação bancária, pois a educação problematizadora baseia-se na relação dialógica entre os sujeitos.

Percebi que, com o trabalho com diferentes portadores de texto, foi possível trabalhar com o educando a produção escrita, trabalhando, também, as diversas formas de linguagem (formal e a informal). Provando assim que se faz necessário o

aprendizado da leitura e da escrita por parte dos adultos e dos adolescentes (figura 4).

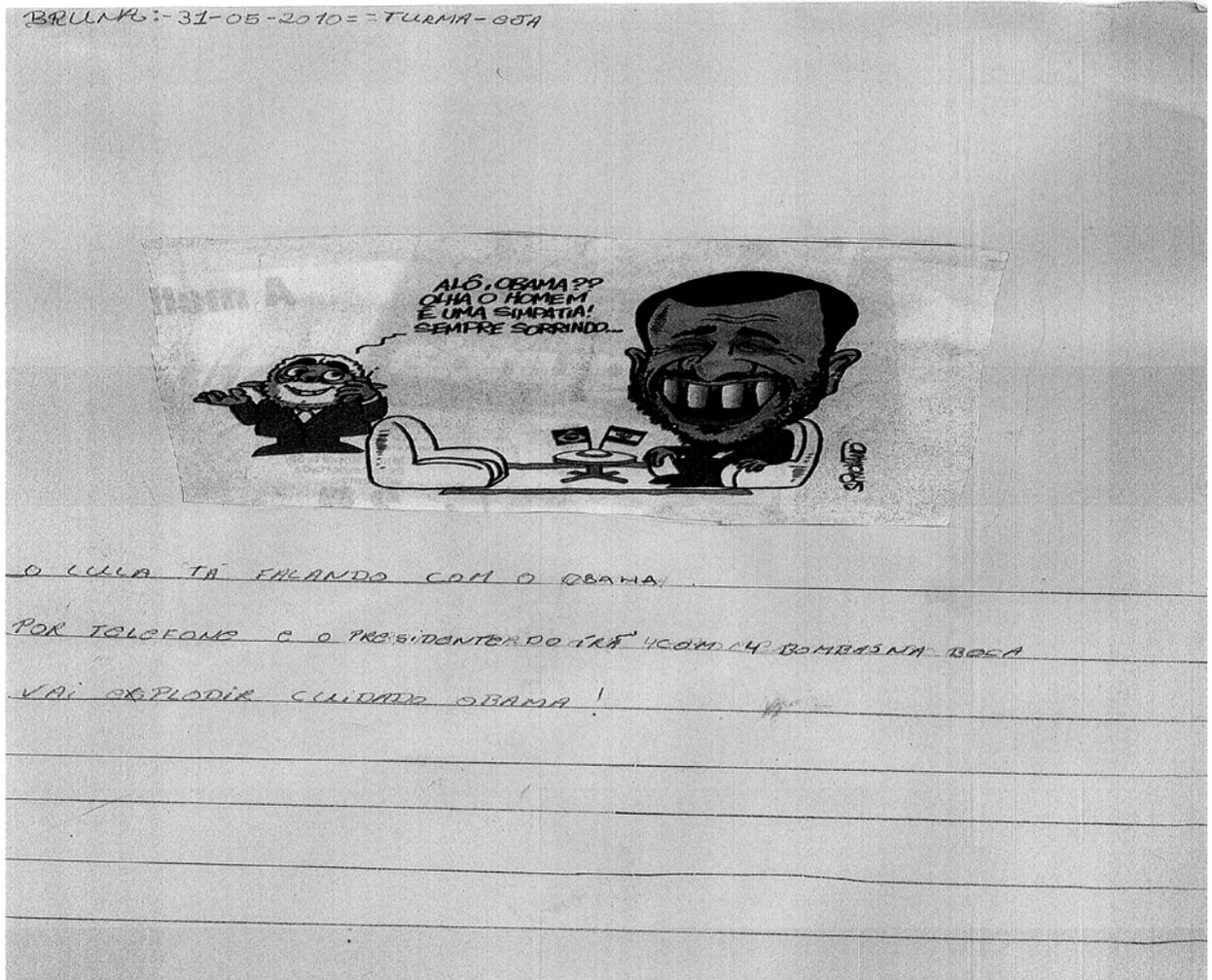


Figura 4 – Trabalho de um aluno com diferentes portadores de texto (charges) .

Enfim, a alfabetização de Jovens e Adultos não pode mais priorizar a decodificação de sinais. É preciso compreender como o indivíduo se apropria da leitura e da escrita e escolher maneiras para despertar a curiosidade, a autonomia e a criticidade no processo educativo (figura 5).



Figura 5 – Alunos, em sala de aula, com jornais pesquisando e lendo assuntos do seu interesse.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse estudo, vejo que é possível uma ação docente capaz de contribuir para as diferentes necessidades da EJA. Tendo participado da formação desses jovens e adultos, sedentos de conhecimento, foi possível estabelecer indicadores de uma prática educativa coerente.

Por outro lado, a acomodação de alguns educadores e a falta de conhecimento das especificidades da EJA leva a uma prática descontextualizada, reproduzindo, muitas vezes, o ensino regular de maneira inadequada e facilitadora.

Foi possível perceber os avanços históricos e significativos na EJA. Vimos que toda a história das ideias em torno da Educação de Jovens e Adultos no Brasil acompanha a história dos modelos políticos e econômicos e, conseqüentemente, a história de relações de poder, dos grupos que estão no exercício deste poder.

Enfim, a trajetória histórica da EJA, em nosso país, sempre sofreu interferências do contexto histórico de cada época e na atualidade a grande contribuição para nossa sociedade se dará se o trabalho docente também estiver qualificado para esta modalidade de ensino, oferecendo assim uma educação de qualidade com ideais reflexivos e transformadores.

Com a LDBEN nº 9394/96, que promulgou a primeira referência sobre a EJA, houve ganhos significativos para a educação de jovens e adultos no Brasil.

No que diz respeito à formação do professor, LDBEN apresenta uma proposta. Proposta de trabalho que pude perceber na Escola na qual realizei meu estágio. Professores organizavam-se, semanalmente, para reuniões de planejamento e formação, nas quais alfabetização é sinônimo de reflexão, argumentação, criticidade e politização.

Porém, nesse mesmo percurso, encontrei professores que apenas trabalham para aumentar a carga horária, com idéias equivocadas sobre esta modalidade de ensino, metodologias tradicionais e inadequadas que não despertam interesse do educando, sendo essas ações um convite a evasão escolar.

A partir dessa colocação, penso que os profissionais atuantes nas classes da EJA devam receber cursos regulares de capacitação, para que os mesmos possam refletir sobre a sua prática e criar estratégias para modificá-la, para que

assim possam criar ambientes estimuladores do processo da aquisição da leitura e da escrita.

Sabemos que o processo de alfabetização das turmas da EJA está ancorado em práticas indispensáveis de leitura e escrita que também são desenvolvidas com crianças das séries iniciais do ensino fundamental. Porém, os alunos da EJA não são crianças e não podem ser tratados como tal, são pessoas com experiências de vida e isto precisa ser levado em conta. Então, é preciso escolher textos que tenham a ver com o mundo desses alunos. Portanto, o aprendizado da leitura e da escrita deve vir como um ato criador que envolve, necessariamente, a compreensão crítica da realidade que nos cerca.

Entendo que a literatura é um bem cultural a que nossos alunos adultos, assim como as crianças e jovens, têm direito a ela. A escola e os educadores precisam estar atentos ao desenvolvimento destas práticas. Possibilitar encontros significativos com a leitura, na EJA, é abrir portas ao imaginário, é fazer uma nova leitura da realidade.

Quanto aos educadores que atuam com a EJA, é preciso que busquem atuar criticamente em sala de aula, ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. Para que isso ocorra, é importante conhecer o contexto desses jovens e adultos, para que possam ser propiciadas atividades interessantes, estimulando a prática da leitura e da oralidade, fundamentais na sociedade em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. (Org.) **O educador vida e morte**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

BRASIL. Lei 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília: 23 dez. 1996.

BRASIL. Decreto nº 3.029, de 9 de janeiro de 1881. Lei Saraiva. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Saraiva> Acesso em: 06 nov. 2010.

CENTRAL do Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Central_do_Brasil> Acesso em: 06 nov. 2010.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização leitura do mundo leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 1-43; 89-107.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2005.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998

_____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 6. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1976.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Paulo Freire: uma Biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996. (UNESCO: Instituto Paulo Freire).

HARA, Regina. **Alfabetização de adultos: ainda um desafio**. São Paulo: CEDI, 1988.

MAFRA, Jason Ferreira. **Paulo Freire, educar para transformar**. Projeto Memória. 2005. IPF. Disponível em:
<<http://mundoacademico.unb.br/conteudos/?cod=1183813080170274111214170418>
> Acesso em: 08 out. 2010.

SANT'ANNA, Sita Mara. **Aprendendo com jovens e adultos**. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Disponível em:
<www.pead.faced.ufrgs.br/sites/.../contextualizacao_historica_da_EJA__sitamara.pdf
> Acesso em: 19 set. 2010.

ZÍLIO, Cátia. Normas para citações de documentos encontrados na Internet. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <marciasantos.pead@gmail.com> em 15 jul. 2010.